

# BI

BOLETIM

INFORMATIVO

**198**

1º trimestre 2016



***Solidariedade Activa  
Melhor Qualidade de Vida***

**Convocatória (AOS DELEGADOS)**

Para cumprimento do disposto na alínea b1 do n.º 2 do Artº 31º dos Estatutos da ASSP, convocam-se os Delegados para uma Reunião Ordinária da Assembleia Nacional de Delegados, a realizar no dia 19 de Março de 2016, pelas 10.00, no Auditório da Escola da Diabetes, sita na Rua do Sol ao Rato, n.º 11, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos

- 1 - Apreciação e votação do Relatório de Gestão e Contas do ano de 2015.
- 2 - Informações

Se à hora marcada não estiverem presentes ou representados mais de metade dos Delegados, fica a mesma marcada para meia hora depois, no mesmo local, com qualquer número de presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Nacional de Delegados

**Convocatória (AOS ASSOCIADOS)**

Para cumprimento do disposto na alínea c do n.º 1 do artº. 51º dos Estatutos da ASSP, convocam-se as Reuniões das Assembleias de Associados para definição das linhas de orientação a seguir pelos Delegados na reunião da Assembleia Nacional de Delegados marcada para 19 de Março de 2016, em Lisboa.

Se à hora marcada não estiverem presentes mais de metade dos associados da Delegação, fica a mesma marcada para meia hora depois, no mesmo local.

Os Presidentes das Delegações

Delegação	Data	Hora	Local
Açores	14/03	15.00	Sede
Algarve	16/03	15.00	Sede
Aveiro	15/03	17.00	Sede
Beja	17/03	15.30	Sede
Coimbra	15/03	16.30	Sede
Évora	15/03	16.00	Sede
Guimarães	16/03	10.00	Sede
Leiria	15/03	15.00	Sede
Lisboa	15/03	14.30	Sede
Madeira	14/03	17.00	Sede
Portalegre	16/03	18.00	Sede
Porto	16/03	16.00	Sede
Santarém	15/03	16.30	Sede
Setúbal	15/03	17.00	Sede
Viseu	17/03	15.00	Sede

**Delegações****AÇORES**

Praça da Autonomia Constitucional, 7, Paim  
9500-787 Ponta Delgada  
Tel./Fax 296 286 034  
[d.acores@assp.pt](mailto:d.acores@assp.pt)

**ALGARVE**

Rua Engº Aboim Sande Lemos, 14, R/C  
8000-544 Faro  
Tel./Fax 289 824 822 | [d.algarve@assp.pt](mailto:d.algarve@assp.pt)  
[Casa do Professor](#)  
Tel. 289 723 744

**AVEIRO**

Rua Nova, 50, Santiago-Glória  
3810-370 Aveiro  
Tel. 234 373 230 | Fax 234 348 446  
Tlm. 963 767 425  
[d.aveiro@assp.pt](mailto:d.aveiro@assp.pt)

**BEJA**

Rua Infante D. Henrique,  
Edf Escola Primária N.º 4  
7800-318 Beja  
Tel. 284 087 018 | Tlm. 960 195 118  
969 172 537  
[d.beja@assp.pt](mailto:d.beja@assp.pt)

**COIMBRA**

Travessa dos Combatentes da Grande Guerra, 3  
3030-181 Coimbra  
Tel./Fax 239 483 952  
[d.coimbra@assp.pt](mailto:d.coimbra@assp.pt)

**ÉVORA**

Rua Chafariz D'El Rei, 31  
7005-323 Évora  
Tel./Fax 266 709 477 | Tlm. 967 804 246  
[d.evora@assp.pt](mailto:d.evora@assp.pt)

**GUIMARÃES**

Rua Alto da Bandeira, 23  
4835-014 Creixomil  
Tel./Fax 253 512 369 | Tlm. 967 532 787  
[d.guimaraes@assp.pt](mailto:d.guimaraes@assp.pt)

**LEIRIA**

Av. Combatentes Grande Guerra, 65, 1º Esq.  
2400-123 Leiria  
Tel./Fax 244 813 492 | Tlm. 966 260 077  
[d.leiria@assp.pt](mailto:d.leiria@assp.pt)

**LISBOA**

Rua D. Dinis, 4, I 1250-077 Lisboa  
Tel. 213 700 330 | Fax 213 700 338  
[d.lisboa@assp.pt](mailto:d.lisboa@assp.pt)  
[Casa dos Professores](#)  
Rua Pedro Álvares Cabral, 150  
2775-615 Carcavelos  
Tel. 214 584 400 | Fax 214 589 128  
[casaprofessoresemcarcavelos@gmail.com](mailto:casaprofessoresemcarcavelos@gmail.com)

**MADEIRA**

Rampa do Forte, 2 - Santa Maria Maior  
9060-122 Funchal  
Tel. 291 229 963 | Fax 291 282 546  
[d.madeira@assp.pt](mailto:d.madeira@assp.pt)

**PORTALEGRE**

Rua Capitão José Cândido Martinó, 1  
7300-295 Portalegre  
Tel./Fax 245 331 612  
[d.portalegre@assp.pt](mailto:d.portalegre@assp.pt)

**PORTO**

Estrada Interior da Circunvalação, 3201  
4300-111 Porto  
Tel. 225 106 270 | Fax 225 104 629  
[d.porto@assp.pt](mailto:d.porto@assp.pt)

**Núcleo de V. Nova de Gaia**

Rua Paula Vicente, 30,  
4400-243 Vila Nova de Gaia

**SANTARÉM**

Rua Luíz Montez Matoso, 38  
2005-145 Santarém  
Tel./Fax 243 322 212  
[d.santarem@assp.pt](mailto:d.santarem@assp.pt)

**SETÚBAL**

Avenida António Sérgio, 1  
2910-404 Setúbal  
Tel. 265 719 850 | Fax 265 719 851  
[d.setubal@assp.pt](mailto:d.setubal@assp.pt)

**UISEU**

Rua 21 de Agosto, Edifício Viriato, BL 5A - 1º A  
3510-120 Viseu  
Tel. 232 449 099 | Tlm. 925 321 167  
[d.viseu@assp.pt](mailto:d.viseu@assp.pt)

**Sede****SEDE E SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS**

Largo do Monte, 1 | 1170-253 Lisboa  
Tel. 218 155 466 | 218 888 428  
Fax 218 126 840  
[www.assp.pt](http://www.assp.pt) | [info@assp.pt](mailto:info@assp.pt)  
Seg. a Sex. 9.00-13.00h | 14.00-17.30h

## Índice

Informação	2
Editorial	3
Delegações	4 / 12
Eleições	13
Tomada de posse	14 / 15
Delegações	16 / 17
Artigo	18 / 19
"Raul Lino andou por aqui"	
Delegações	20
Livro de Bordo	21
Delegações	22
Aniversário ASSP	23
Delegações	24 / 27

## Ficha Técnica

### DIRECTOR

Ana Maria Morais

### DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Monte n.º 1

1170-253 Lisboa

Tel. 218 155 466 / Fax 218 126 840

info@assp.pt / www.assp.pt

### PROPRIEDADE

Associação de Solidariedade Social  
dos Professores

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria Margarida Sousa

### CONCEPÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Sandro Costa

### IMPRESSÃO

Finepaper - Rua do Crucifixo, 32

1100-183 Lisboa

### REDACÇÃO

Largo do Monte n.º 1

1170-253 Lisboa

assp.comunicacao@gmail.com

### PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS ASSOCIADOS

Inscrição na DGCS .....111841/86

Depósito Legal .....36086/90

Número Avulso .....0,40 €

Assinatura anual .....2,49 €

Tiragem (n.º exemplares) .....10 500

### NOTA

A adopção do Novo Acordo Ortográfico é  
da responsabilidade dos autores.

## Editorial

### Pensar para agir

Já foi defendido que para cada um de nós pensar é entregar-se a uma fala silenciosa que comporta reflectir, interrogar-se, hesitar, condenar, lamentar e duvidar.

Reflectir é percorrer o que foi feito e por que foi feito.

Interrogar-se é expressão da dúvida legítima quanto à relação entre os fins visados e os meios usados.

Hesitar é um percurso não decidido entre o fracasso e o quase sucesso.

Condenar e lamentar são as recusas de aceitar o sofrível e abraçar desculpas e justificações para o menos mal.

Duvidar radica-se na legitimidade da não certeza, no confronto com os insucessos gerados pelas acções nascidas das mais atentas análises.

Embora seja sabido que o pensamento é perigoso torna-se urgente que se encontre a coragem e a determinação de lhe fazer confiança como a única via para a mudança que se quer como novo horizonte.

Pensar em grupo inclui muitas destas vertentes e, por vezes, surge a angústia inerente à procura de uma solução que se sinta e avalie como correcta.

Cai inteiramente dentro deste quadro o pensamento aplicado à procura de vias de evolução da ASSP.

Esta procura tem naturalmente como objectivo permitir que a ASSP ultrapasse a conjuntura e que seja capaz de se projectar no Futuro à altura da condição de Professor.

É esta procura que começámos a fazer a partir do "nosso primeiro dia".

Pensamos para agir e agiremos para melhorar.

Pela Direcção Nacional



Ana Maria Morais

## Donativos

Recebemos na Sede, como complemento das quotizações, os seguintes donativos, que muito agradecemos. A todos o nosso bem-haja.

Associado	Valor	Associado	Valor	Associado	Valor
111	16,00 €	1821	42,00 €	9138	16,00 €
562 / 563	148,00 €	3014	19,00 €	9400	39,00 €
657	39,00 €	3216	19,00 €	17568	42,00 €
728	19,00 €	3755	22,00 €	18103	42,00 €
1154	416,00 €	4940	100,00 €	18411	38,00 €
1154	18,00 €	6825	19,00 €	18774	18,00 €
1250	600,00 €	8477	316,00 €		



## AS TRÊS FACES UMA CIDADE

Ponta Delgada teve origens humildes: “Solitário ermo, pequena vila, grande, forte e afamada cidade”. (Gaspar Frutuoso, Saudades da Terra, Livro IV, volume II, pag. 70).

Tendo começado os povoadores de São Miguel por ocupar território que viria a ser chamado de Povoação, foram-se estendendo pela costa sul da ilha.

Vieram até Vila Franca, fizeram incursões mais para ocidente.

Novas levas de povoadores estabeleceram-se como pescadores numa baía que viria a ser denominada de Santa Clara e onde os senhores de Vila Franca gostavam de caçar porcos selvagens, por serem ali muito abundantes.

A população foi aumentando e novo agregado surgia. Seria batizado com o nome de Ponta Delgada, “...assim chamada por estar situada junto de uma ponta de pedra de biscoito delgada e não grossa como outras da ilha” (Id. Ib. Pág.73).

Tudo isso se passou nas décadas dos meados do século XV.

Em clima de crispação com Vila Franca, “...seminário, origem, cabeça, mãe e primeiro princípio...” (Id. Ib. Pág.36), de toda a ilha, Ponta Delgada foi elevada a vila, em 1499.

Esta elevação e a consequente criação do concelho foram fruto do desmembramento dos territórios da então única vila e concelho, Vila Franca do Campo.

Em 1546, D. João III, de *motu próprio*, eleva a vila de Ponta Delgada a cidade.

A partir desses tempos a luta acabou com a Vila, pelo menos aparentemente, e Ponta Delgada progrediu de maneira a que, no fim do século XVI, o patriarca dos escritores açorianos, Gaspar Frutuoso, descreve a cidade com deslumbramento “Nobre e populosa, célebre com generosos e poderosos moradores, rica, provida e abastada com diversos comércios e grossos tratos de mercadores riquíssimos” (Id, ib, pág 70).

A sua excelente localização, a existência de possibilidade de ancoragem de barcos, mas sobretudo o dinamismo dos habitantes «homens fidalgos, honrados e poderosos (Id, Ib, pág 81)», fizeram de Ponta Delgada a localidade mais importante da ilha de São Miguel.

O seu percurso durante os séculos XVII, XVIII e XIX, é concorrente com outras povoações açorianas. Vai-se pouco a pouco estendendo para terra, edificando “casas sumptuosas e ricas, sobradadas e muito altas” (Id, Ib, 73/6).



As igrejas e conventos nascem por quase toda a cidade. Só conventos anotamos sete: três de religiosos, quatro de freiras. Alguns ainda existem, mas apenas o da Senhora da Esperan-

ça ou Santo Cristo, como é chamado modernamente, cumpre a função para que foi criado. Dos outros, um desapareceu, o de S. João; outro é museu, o de Santo André; outro, biblioteca, colégio jesuíta; e um foi elevado a palácio, o da Conceição, albergando instituições governamentais.



Colégio dos Jesuítas na atualidade

Foi assim a primeira face da cidade.

Apesar de tudo, nos inícios do século XIX, uma série de estrangeiros que visitam a ilha e, naturalmente entram por Ponta Delgada, manifestam opiniões algo desfavoráveis em relação à cidade. Recordemos uma dessas apreciações “As ruas de Ponta Delgada são estreitas e as casas amplas, [...]. O rés-do-chão das casas é utilizado para lojas, armazéns ou estrebarias. As lojas recebem a luz pelas portas e não têm montras [...]. As janelas dos primeiros andares são em geral guarnecidas com pequenas varandas de madeira entrelaçada [...]. Nas casas maiores vêem-se elegantes varandas de ferro [...]. Abundam nas ruas, porcos e burros. Os primeiros invulgarmente grandes e gordos...” (Bullar, *Um inverno nos Açores*, págs. 20 a 22).

A descrição engloba muitos pormenores que podemos igualmente encontrar em outros viajantes da mesma época.

No primeiro quartel do século XIX, com a entrada do Liberalismo, e após uma dura luta com os poderes centrais por uma emancipação da obediência política aos capitães gerais de Angra, enceta-se nova luta pela construção de uma doca, anseio que vinha quase desde as origens.

Quando a construção se inicia na década de sessenta desse século, o generoso e rico comércio da laranja apresentava já sinais de decadência, depois de uns tempos brilhantes em todos os aspetos.

Nesse século, a cidade ganha solares e palácios, que convivem ainda com os edifícios religiosos dos tempos anteriores. De entre todos salientam-se o palácio Jácome Correia, transformado em sede do governo regional e o de Fonte Bela, edificado no lugar do antigo Paço do Conde, e agora Escola Secundária Antero de Quental.

É a segunda face.



Praças não existem, João António de Aguiar desenha uma cidade com plano de urbanização *à romana*: duas linhas, uma que seguiria paralela à orla marítima, a outra perpendicular a esta e que levava a cidade ao interior.

A avenida marginal, em grande parte é filha deste projeto, bem como as praças de Gonçalo Velho e Vasco da Gama. Poderíamos ainda dizer que avenidas como a de D. João III também se inseriam nessa perspetiva.

O Bairro da Vitória inscrevia-se também neste plano, a cidade interior.

Se o plano de João Aguiar não foi totalmente aprovado, um grupo de arquitetos que se lhe seguiu deu uma nova feição à cidade. Destes, três merecem referência muito especial.

João Correia Rebelo, filho do pintor Domingos Rebelo, traçou as plantas do seminário menor da diocese, mais tarde vendido e transformado em hotel e o Colégio de S. Francisco Xavier, edifícios que entestam com o mar, saindo do interior da cidade. Outras obras deixou, mas estas são suficientes para o immortalizar. Emigrou para o Canadá onde veio a falecer.

A Eduardo Read Teixeira, também arquiteto, fica-se a dever os projetos da Escola Técnica de Ponta Delgada, hoje secundária Domingos Rebelo, a Estação Agrária de São Gonçalo e várias moradias.

António Manuel de Vasconcelos, engenheiro, notabilizou-se em

pequenos edifícios como o bureau de Turismo, a barbearia Gil. Mas são sobretudo as habitações da Avenida Gaspar Frutuoso que mais mereceram a sua atenção.

Nesta avenida encontra-se também uma moradia, planta de Raul Lino que muito enobrece essa rua de Ponta Delgada.



Moradia da Avenida Gaspar Frutuoso

É a terceira face de Ponta Delgada, que começa a extravasar das imposições iniciais.

Hoje Ponta Delgada, mercê de variados fatores, apresenta diversas centralidades. Nos arredores da cidade, como as Fajãs, sobretudo na Fajã de Baixo, há bairros periféricos, uns de índole popular, outros albergando estratos de classe média e média alta que proporcionam um ambiente de cosmopolitismo de que Ponta Delgada se orgulha.

Esta é talvez a entrada já numa quarta face: a expansão para outros terrenos, até há dias apenas campos de cultivo.

## José Maria Teixeira Dias



Natural de Amarante, 1937. Estudou nos seminários da Congregação do Espírito Santo, os preparatórios e filosofia. Licenciou-se em Direito Canónico em Salamanca e em História na Universidade do Porto. Nos Açores, onde lecionou em diversos estabelecimentos fez um doutoramento em Ciências da Educação, História da Educação. Escreve sobre temas relacionados com a História dos Açores.



A cidade apresenta nova dinâmica mas é preciso esperar pelos meados do século XX para ver a cidade ganhar nova cara.

Um arquiteto, vindo do continente, vê a cidade e nota que as casas estão de costas para o mar. As portas da cidade estão encostadas a uma parede.



# QUANDO PENSAR NOS SEUS CONTE CONNOSCO



*Somos uma associação de professores que pratica uma solidariedade activa centrando a nossa acção na melhoria da qualidade de vida dos professores e daqueles que lhes são mais queridos.*

*Criámos quatro residências sénior, Casas dos Professores, e nas nossas 15 Delegações instituímos cursos e actividades promovendo um envelhecimento activo socialmente gratificante e estimulante.*



Aveiro

Rua Nova, 50, Santiago-Glória  
3810-370 Aveiro  
Tel. 234 373 230



Carcavelos

Rua Pedro Álvares Cabral, 150  
2775-615 Carcavelos  
Tel. 214 584 400



Porto

Est. Interior da Circunvalação,  
3201 - 4300-111 Porto  
Tel. 225 106 270



Setúbal

Avenida António Sérgio, 1  
2910-404 Setúbal  
Tel. 265 719 850

## Residências Sénior (ERI) / Casas dos Professores

**SOLIDARIEDADE ACTIVA  
MELHOR QUALIDADE DE VIDA**



**ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL  
DOS PROFESSORES**

Conheça-nos melhor em [www.assp.pt](http://www.assp.pt)

Sede: Largo do Monte, 1 - 1170-253 Lisboa  
Tel.: 218 155 466 | 218 888 428 | Fax: 218 126 840

# DELEGAÇÃO DO ALGARVE

## AZULEJARIA PORTUGUESA

### UM MUNDO PRODIGIOSO DE LUZ E COR

O tema que aqui trazemos hoje reflecte o interesse que têm revelado entre nós as diversas visitas guiadas, no Algarve e noutros pontos do País, com o objectivo de conhecer as mais relevantes colecções da arte azulejar portuguesa.



Igreja de S. Francisco, Faro (pormenor)

Estão em todo o lado e não os vemos. Dir-se-ia que enquadram o nosso dia-a-dia: quando entramos numa estação do Metro, num hospital, num centro comercial, numa igreja ou em certos jardins, eles estão presentes. Caminhando pelas ruas da cidade, podemos vê-los, aqui ou acolá, em notas de graciosidade romântica ou modernista nas fachadas, ou então em grandes superfícies que reverberam luz e cor. Ininterruptamente, ao longo de cinco séculos, os azulejos portugueses espelham, numa multiplicidade de reflexos, a história e a cultura que os atravessam.

Tão presentes, tornaram-se quase invisíveis. De tal modo, que chega a surpreender-nos o interesse revelado pelos que nos visitam e os consideram entre o que há de mais representativo da nossa cultura.

De influência árabe de início e, mais tarde, italiana e holandesa, a azulejaria importada tornou-se tão popular entre nós que, no início do séc. XVII, começou a produzir-se em Portugal. A utilização da técnica majólica permitia dar expressão a composições figurativas monumentais, infiltradas de influências e estéticas europeias. No início do séc. XVIII, já liberta do contorno rigoroso do desenho, a azulejaria portuguesa alcançou um período áureo, o "Ciclo dos Mestres". Gigantescas superfícies azulejadas qualificavam os interiores, em estreita ligação com a arquitectura, galgando as paredes, revestindo abóbadas e cúpulas,

rasgando perspectivas, contando histórias. E isto utilizando uma única cor, o azul cobalto, em pinceladas que não permitem correcção, como na pintura, nem uma apreciação da cor exacta, apenas visível depois da cozedura.

Como explicar o triunfo desta "utopia cerâmica", expressão com que Luís de Moura Sobral titulóu o seu filme sobre a arte azulejar portuguesa? Não existe uma explicação concreta e científica para o desenvolvimento em Portugal desta arte prodigiosa. O clima? A vocação marítima? Mas o mesmo não ocorreu em lugares com climas semelhantes, nem em países com apogeuos navais. Solução de recurso num país pobre? Isto também não a explica, já que foi em épocas de expansão económica, como a manuelina e a joanina, que os azulejos ganharam maior expressão. A verdade é que Portugal soube tirar partido da flexibilidade e durabilidade da arte azulejar e estendeu a sua utilização aos longínquos territórios coloniais.

Novos olhares se têm voltado, ultimamente, para este imenso património, que está cada vez mais no "mapa cultural" internacional. A candidatura a Património Mundial contribuirá também para a sua divulgação. Mas, cá dentro, há que conhecer e valorizar este legado, um museu a céu aberto, em muitos casos, que urge preservar. Como sabemos, do desconhecimento nasce a indiferença que origina a incúria.

O projecto SOS Azulejo - <http://www.sosazulejo.com> - nasceu para combater a sua delapidação crescente e os resultados já são visíveis. Uma acção contemplada neste projecto, ESCOLA SOS AZULEJO, interessa-nos particularmente.

Como cidadãos ou educadores, temos nesta área uma oportunidade de intervenção cívica.

Uma ideia simples? Participar no projecto de georreferenciação - <http://mappingourtiles.com> - fotografando e situando azulejos da nossa rua ou cidade.



Paço Episcopal, Faro (pormenor)



## GESTOS E PALAVRAS QUE CRIAM LAÇOS

Lisboa, 16 de maio de 2016. No início da tarde, o Sol inunda a rua que nos vê aparecer e nos conduz ao auditório onde os delegados se reúnem. Oíço nitidamente o abraço ali ao meu lado. Reparo no olhar lacrimejante que a satisfação de um reencontro não consegue disfarçar. Atento no aceno efusivo de quem lá do fundo recebe quem chega. Recolho as palavras amistosas proferidas com exatidão e gesto delicado.

Está aberta a sessão.

Tem a palavra Luís Pargana que visita o passado e predispõe o futuro, destacando o valor da amizade sentida numa instituição que busca primordialmente a solidariedade. A gratidão e o reconhecimento vão tocando todos os que colaboraram com a Mesa da Assembleia no mandato que agora termina.

Eu... prometo cumprir fielmente...

A Direcção Nacional toma posse. Também o Conselho Fiscal.

Tem a palavra Miguel Vilhena, agora Presidente da Mesa da Assembleia. Agradece a confiança e as manifestações de apoio endereçadas. É tempo de constituir a Assembleia. Tomam posse os Delegados.

Eu... prometo cumprir fielmente...

Quanta palavra que, mesmo repetida, nunca se repete, tal o olhar, tal o ritmo, tal o gesto, tal a intensidade, tal a calma, tal o propósito, tal a dicção, tal a fisionomia. Que diversidade! Que unidade na diversidade!

Tem a palavra a Presidente da Direcção Nacional, Ana Morais. Um discurso pleno de entrega e dedicação, alicerçado na vontade ímpar de cumprir a missão que lhe está confiada. A aclamação final é um abraço confiante e fraterno.

Está encerrada a sessão.

O tempo aguarda agora pelo dinamismo e capacidade de todos para

concretizar a "missão da Associação". "Conte comigo!", "Claro que conto!"

Entramos no n.º 4 da D. Dinis. Aguarda-nos um gesto amigo, saboroso, que predispõe para a viagem de regresso.

"Saia na próxima saída, saia na próxima saída." Aveiro acolhe-nos já depois do sol-posto. Trocam-se palavras de agradecimento e de despedida - o Manuel Reis e o António Neto ficam em Aveiro. Eu continuo viagem. Seguem-me o José Luís e a Maria Helena Malaquias - em São João da Madeira, espera-nos um espetáculo de solidariedade.

Pelo caminho reencontro algumas palavras que a memória selecionou: "Eu estou cheio de energia!-dizia o José Luís logo pela manhã." "O Jaime não quer elaborar um texto com a sua perspetiva sobre a tomada de posse? - desafiou a Maria Helena." "Porque não? -pensei."

Jaime Ribeiro,  
Vogal suplente da DN

### Concerto solidário

#### S. João da Madeira

O Projecto A ASSP em Terras de Santa Maria da Delegação de Aveiro continua a encontrar formas criativas de praticar a Solidariedade, diversificando os destinatários.

Realizou-se no dia 16 de Janeiro, na Casa da Criatividade de São João da Madeira, o concerto solidário O Natal



nos Seis Continentes, organizado pela equipa local da Delegação de Aveiro coordenada pelo Prof. Rui Maia. Participaram os vários grupos das actividades dos jovens e dos Adultos do Projecto, o Grupo de Teatro Os Serafins do Agrupamento de Escolas Dr. Serafim Leite, a Academia de Dança Liliana Leite, a Academia Spirit of Art e o Grupo de Teatro da Universidade Senior da Gafanha da Nazaré, com o objectivo de divulgar a ASSP e angariar fundos para apoiar a CERCJ daquela cidade.

A Casa encheu com cerca de 500 pessoas, proporcionando a todos um despretensioso, mas muito interessante espectáculo de teatro, música e dança. Estiveram presentes entidades locais e representantes dos órgãos sociais da ASSP - Direcção Nacional e Direcção de Aveiro -, que se congratularam pela forma como estes seus colaboradores se incluem no cumprimento da Missão e objectivos da Associação.





# DELEGAÇÃO DE BEJA

## QUEM CUIDA DO CUIDADOR

*“A sociedade e o indivíduo não são antagónicos mas interdependentes.”*

*Ruth Benedict, in Padrões de cultura*

Face ao padrão demográfico em que vivemos, com uma população muito envelhecida e frequentemente dependente de cuidados de familiares diretos, com problemáticas comuns, propomo-nos refletir sobre o Cuidado ao Cuidador familiar ou informal.

Definimos como principal finalidade desta sessão:

- Clarificar alguns conceitos comuns com a temática do cuidado aos cuidadores;
- Refletir nas abordagens propostas a partir de questões e vivências partilhadas pelos participantes.

Sabe-se hoje que mais de 80% das pessoas com 65 ou mais anos, estão dependentes em maior ou menor grau do apoio de familiares ou amigos. Surgem doenças crónicas em que por dificuldade ou perda de autonomia física, psíquica ou intelectual, a pessoa requer ajuda para realizar as atividades de vida diária. Precisamos, como cuidadores informais ou familiares, de compreender o processo que se inicia e se instala em sucessivos graus.

Na caracterização de conceitos vimos:

- **Cuidar** como ato de vida, desde sempre aliado à própria existência humana, quando nascemos, quando crescemos, adoecemos, quando estamos mais velhos e quando morremos, ao longo de todo ciclo vital.
- **Autonomia/ dependência** percebida como capacidade da pessoa para gerir a sua vida, tomar decisões de acordo com os seus princípios, regras, recursos e preferências. Considera-se independente a pessoa que reúne capacidade de viver na comunidade com pouca ou nenhuma ajuda dos outros, realizando as atividades de vida diária e de autocuidado.

Uma das questões fundamentais é compreender como é que um Ser “legalmente” idoso se pode por um lado encontrar numa fase da vida caracterizada por diminuição das reservas funcionais e de adaptação a mudanças, mais suscetível e tem por outro, frequentemente, de assumir a função de cuidador.

A dependência crónica, é de difícil recuperação, em regra, com transtornos de mobilidade mas também cognitivos e com alterações comportamentais. Requer, por isso, uma **rede de apoio** entre cuidadores (familiares e institucionais), que previna consequências gravosas na pessoa do cuidador, que necessita igualmente de se sentir cuidada, apoiada e valorizada quer na família, no grupo de amigos e na sociedade.

### SER CUIDADOR INFORMAL: QUE MOTIVAÇÕES?



As motivações, podem agrupar-se do seguinte modo:

- Relação familiar (dever, amor, piedade, etc.);
- Evitamento da institucionalização;
- Corresidência;
- Outros condicionantes.

SER CUIDADOR INFORMAL é entrar num novo processo, em que se colocam questões como: “O que é tudo isto? O que esperam de mim?”

O que posso eu fazer? Onde posso recorrer? Que apoios tenho?”

O profissional de saúde deverá facultar informação, orientação e disponibilidade para assim potenciar qualidade de vida ao idoso e ao cuidador e possibilitar o desenvolvimento de estratégias adequadas na prestação dos cuidados.

Um **Modelo Global de Interação** na transição para o exercício do papel de cuidador implica pois duas perspetivas que articulam a necessidade de **Cuidar e Ser Cuidado**.

A planificação dos cuidados necessários em resposta às necessidades, conta, com a ajuda de uma equipa técnica. Frequentemente são aplicadas escalas de avaliação funcional que estão testadas para a população portuguesa e são uma referência importante. Esta equipa pode indicar instituições que o poderão disponibilizar o equipamento adequado ou que ajudas legais estarão previstas em cada caso.

Há claramente neste processo, sobrecarga para o cuidador, seja pelo envolvimento afetivo que lhe está associado, seja pelos problemas que decorrem da função de cuidar: saúde física e mental, impacto nas relações familiares, coordenação com a atividade profissional e na organização do tempo livre e lazer.

Contudo, ser cuidador é também fonte de receita em autoestima, confiança, valorização, satisfação e traz também vantagens financeiras.

**Maria da Conceição  
B. Correia**



PHD,  
Prof ESS-IPB

No presente Boletim a Delegação de Coimbra aproveita a oportunidade para lembrar uma amiga, a Doutora Teresa Pinho, possuidora de uma profunda sensibilidade artística. Os seus desenhos a grafite, a partir de fotografia, são disso prova eloquente. A partir dos desenhos, a nossa colega na actividade de Literatura a Dr.ª Maria Lucília Mercês de Mello revela mais uma vez os seus dotes de poetisa, patente em várias obras publicadas.

Um agradecimento à família da Doutora Teresa Pinho e à Dr.ª Maria Lucília Mercês de Mello pela disponibilidade demonstrada na autorização para a publicação dos desenhos e dos poemas.

## Menino - SÓ!



Menino,  
o que te fez a Vida?  
porque laivou de sombra o teu olhar?  
porque te maltratou? e te despiu  
e te deixou plangente à chuva, ao frio...  
...sem lar?...

Queria poder dizer-te:  
a Vida não é má,  
nem os homens são cegos... sem amor...  
mas,  
olho-te... e meus lábios, a tremer  
retêm as palavras, por dizer...

.....  
One deixaste os sonhos que assomavam  
no embalo que a morte decepou...  
...sem dó...?

Menino,  
órfão na terra!  
órfão dos céus!  
nunca brincaste,  
nunca sorriste,  
menino triste,  
Menino-  
-SÓ!

M. L. Mercês de Mello  
In *Triologias Líricas*,  
Ed. Minerva Coimbra, 2005

Maria Teresa Pinho, *Menino* - 2004  
(desenho a grafite, a partir de fotografia)

## Rapariga sem nome, sem idade

Rapariga sem nome, sem idade.  
Chegas alvoraçada e a sorrir.  
Trazes no rosto as sombras de orfandade  
em algo que não sei bem definir.

Há nos teus olhos troça, há ironia,  
um misto de humildade e altivez.  
Quem te persegue? Quem te desafia?  
Foges... foges de alguém que só tu vês...

De longe vens. Cabelos a voar  
num desalinho que te fica bem...  
Dir-se-ia que és feliz... não fosse um ar  
de desamparo... de filha de ninguém.

M.L. Mercês de Mello - In *Triologias Líricas*,  
Ed. Minerva Coimbra, 2005



Maria Teresa Pinho, *Rapariga de longe* - 2004  
(desenho a grafite, a partir de fotografia)



# DELEGAÇÃO DE ÉVORA

## VIAJAR POR TERRAS RAIANAS: CAMPO MAIOR E OLIVENÇA

Visitei Campo Maior, nos anos sessenta, na companhia de meu pai aquando do início da actividade do empresário Manuel Nabeiro.

Nos anos 90, percorri as ruas engalanadas desta vila durante as famosas Festas do Povo, e agora a ASSP proporcionou aos associados e amigos uma visita pormenorizada às modernas instalações do Centro de Ciência do Café, verdadeiro pólo de divulgação científica, e à Adega Mayor, com a assinatura de Siza Vieira, que se enquadra perfeitamente na planície.

Visitámos ainda a linda Igreja Matriz de três naves, bem como a pequena Capela de Ossos contígua.

Já ao entardecer, percorremos a pé as ruas estreitas, entre casas de uma brancura ímpar e de barras azúis ou ocre, bem típicas do Alentejo.

Durante este passeio foram constantes a boa disposição e alegria. Por isso, ficamos à espera de mais...

Nova viagem por terras raianas....  
Olivença

Bem cedo, os viajantes chegam apressados e animados.

O autocarro parte a velocidade de cruzeiro por estrada plana. O céu azul promete um dia ameno e o sol dá-nos os “Bons Dias”.

Chegados àquela terra transtagnana, de traça portuguesa aliada ao perfil andaluz, somos recebidos por um guia afável e conhecedor da nossa língua e história. Iniciamos o percurso pedonal que nos surpreende favoravelmente. “

Olhem! Calçada à portuguesa!”, “Fachadas Manuelinas, também!”. Arte Portuguesa preservada e valorizada por todo o lado a par de “Janelas Andaluzes”, Bodegas” e o jeito descontraído de gozar a “Calle”.

Seguem-se visitas a igrejas onde dominam grandes e belos painéis de azulejo e majestosos retábulos barrocos, belos exemplares da mestria portuguesa.

Hora de almoço junto ao Guadiana, donde se avista a fortificação imponente de Juromenha sobranceira ao rio. Almoço com toque andaluz.

Fotos de grupo por entre sorrisos e gargalhadas.

De regresso a Olivença, subimos à torre de menagem com algum esforço, mas a vista compensa. Segue-se o museu de 26 salas temáticas, que suscitam muita curiosidade. Teremos que voltar.

O dia escurece rapidamente e os viajantes mostram algum cansaço. Chegados a Évora, ouve-se repetidamente: “Belo Dia”. A ASSP promete mais “Belos Dias” com certeza.

*(Olhares e emoções de Filomena Casimiro e Lourdes Mateus)*



Adega maior



Olivença



Café Vision

## PLANO ANUAL DE FORMAÇÃO PARA 2015 / 2016

A Delegação de Guimarães tem vindo a promover, desde 2014, diversos cursos e oficinas de formação, acreditados pelo Conselho Científico de Formação Contínua de Professores (CFCP), em estreita colaboração com o Centro de Formação Francisco de Holanda (CFfh), sediado em Guimarães.

A diversificação dos cursos oferecidos tem sido crescente, na tentativa de responder aos interesses emergentes dos/as professores/as no ativo. A mesma diversidade se pode verificar ao nível dos horários de funcionamento das formações.

Uma vez que se trata de formações acreditadas pelo CCFCP, os processos de inscrição são realizados diretamente no site do nosso parceiro CFfh. As sessões das formações decorrem na sede da Delegação.

Para o ano letivo corrente, e salvo as formações já realizadas no 1.º período letivo, temos planificadas as seguintes ações de formação:

- Curso de formação *“Filosofia com crianças: fundamentos, métodos e práticas”* (25 horas) para Educadores de Infância e Professores/as dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico;
- Curso de formação *“Redes colaborativas: Dinamização e avaliação de projetos comunitários”* (25 horas) para Professores/as do Pré-escolar, Ensino Básico e Secundário; (a aguardar acreditação);

- Curso de formação *“Prevenção e modificação de comportamentos para a promoção da Igualdade de Género em contexto escolar”* (12,5 horas) para Educadoras/es de Infância e Professoras/es do Ensino Básico;



- Curso de formação *“Dificuldades de Aprendizagem Específicas: Conhecer e Intervir”* (25 horas) para Professores/as do Ensino Básico;
- Curso de formação *“A violência em contexto escolar: conhecer e intervir”* (12,5 horas) para Educadoras/es de Infância e Professoras/es dos Ensinos Básico e Secundário;

- Curso de formação *“O papel do Técnico Especializado em contexto escolar: Desafios, limites e boas práticas”* (25 horas) para Técnicos Especializados;

As formações, bem como os respetivos cronogramas, são divulgados amiúde no site da ASSP, no site do CFfh, bem como no nosso facebook (ASSP Guimarães).

De uma forma global, as avaliações dos/as formandos/as referem que as formações se têm revestido de uma componente teórico-prática pertinente, atual e útil para a sua atividade profissional. A formação é uma área estratégica no desenvolvimento da nossa Delegação e, sobretudo, na aproximação aos/às professores/as que se encontram no ativo, pelo que este investimento irá continuar a crescer.







# Eleições ASSP 2016 | 2019



## Resultados por Delegação

Publicamos nesta página os resultados eleitorais de 24 de Novembro de 2015.

Consideramos necessário reflectir sobre os mesmos, não porque haja qualquer dúvida quanto à escolha das listas em disputa, mas porque a ocasião o exige.

Analisando a tabela anexa, o aspecto mais relevante que urge compreender e reverter é a elevadíssima taxa de abstenção.

Haverá, certamente, inúmeras causas para tal fenómeno.

Sem que possamos prová-lo – na ausência de estudo aprofundado e minimamente credível – arriscamos algumas hipóteses, sem que a ordem da sua apresentação tenha qualquer relevância.

- Escasso número de mesas de voto, apenas sitas nas sedes de Distrito com a correspondente inacessibilidade.
- Fraca participação dos associados na vida associativa e consequente desvalorização/incompreensão do acto eleitoral.
- Parco esclarecimento sobre as alternativas em presença (lista A v/s lista B)

Outro dos elementos de análise mais significativo diz respeito ao modo de transformação dos votos em mandatos, previsto na estrutura da própria ASSP.

Assim, para dar apenas os exemplos mais significativos, constatamos que na Delega-

Delegação	Total de Eleitores	Votantes	Votos A	Votos B	Votos em Branco	Votos Nulos	Lista Vencedora	Delegados
Açores	381	90	90	0	0	0	A	2
Algarve	665	48	39	7	2	0	A	3
Aveiro	650	72	62	6	3	1	A	3
Beja	156	15	11	4	0	0	A	2
Coimbra	541	63	19	41	3	0	B	3
Évora	403	106	104	1	1	0	A	2
Guimarães	224	56	1	55	0	0	B	2
Leiria	383	63	60	1	2	0	A	2
Lisboa	2961	107	58	47	2	0	A	5
Madeira	261	142	44	98	0	0	B	2
Portalegre	239	65	5	58	1	1	B	2
Porto	1980	42	22	20	0	0	A	5
Santarém	226	42	41	1	0	0	A	2
Setúbal	1571	57	34	22	1	0	A	4
Viseu	458	64	45	17	1	1	A	2
Total	11099	1032	635	378	16	3		41

ção da Madeira, para obter um mandato, foram necessários 71 votos, enquanto no Porto apenas 8, ou seja um número 9 vezes menor.

Do mesmo modo, em Évora foram precisos 53 votos ao passo que em Setúbal bastaram 14.

Esta situação, cada vez mais percepcionada como introdutora de injustiça, parece-nos que desmotiva todos quantos, com sacrifício, participam activamente na vida associativa.

Cabe a cada Delegação, à Direcção Nacional e aos demais órgãos sociais da ASSP o trabalho de dinamizar a reflexão sobre estes aspectos que determinam, em larga escala, a democraticidade interna da Associação.

A	32
B	9

# Tomada de Posse dos Órgãos para o quadriénio



**Luís Pargana**  
Presidente da Mesa da AND Cessante

A 16 de Janeiro decorreu, no anfiteatro da Associação dos Diabéticos, a AND em que foi dada a posse aos órgãos sociais nacionais da ASSP.

A mesa inicial foi presidida pelo Presidente cessante e secretariada por Ana Vilhena, 1ª secretária e por Júlio Silva Ferreira em substituição da 2ª secretária ausente por questões de saúde.

Luís Pragana, numa solene alocução, agradeceu a todos quantos haviam colaborado nos trabalhos desenvolvidos ao longo dos três anos de mandato, evocando Peres Claro que muito o havia auxiliado e apoiado no início da sua actividade na ASSP.

Saudou a participação do Presidente da Direcção Nacional, Amaro Correia, e desejou os maiores sucessos à recém eleita Presidente, Ana Maria Morais.

Citou ainda a importância para a ASSP do trabalho insubstituível de Eduardo Algarvio, responsável pelos Serviços Administrativos.

Foram então empossados os membros efectivos e suplentes da Direcção Nacional, assim como os elementos da Mesa da Assembleia Nacional de Delegados.

Já com esta a presidir aos trabalhos, prestaram “juramento” os Delegados eleitos das diferentes Delegações.

Constituiu-se nova mesa, presidida por Ana Maria Morais, secretariada por Maria Helena Malaquias e Maria Margarida de Sousa, Vices-Presidentes da Direcção Nacional que empossou os Presidentes das Delegações.

Seguiu-se um pequeno lanche na sede da Delegação de Lisboa, vizinha da Associação de Diabéticos.



Encontro de testemunhos, actos determinados de solidariedade, chuva de intenções, propósitos repletos de incertezas, de esperanças.

Feira de vaidades, exposição de capacidades que se julgam importantes para o cumprimento de um dever... Dedicção? Devoção? Ingenuidade.

Há 18 anos que digo e ouço “ Eu ... prometo cumprir com lealdade...”

É a ASSP que se renova!

**José Luís Malaquias**

Presidente da Delegação de Aveiro há 18 anos - Eleito novamente



No passado dia 16 de janeiro tive o prazer de estar presente na tomada de posse da Direcção Nacional. A nova Direcção empossou os Delegados e Presidentes das várias Delegações, para o quadriénio 2016/2019.

Desta primeira experiência tenho a salientar o bom relacionamento de todos os participantes, numa sessão que decorreu num ambiente formal, mas descontraído, seguindo-se um lanche convívio oferecido na Casa Albarraque Costa. A excelente receção da nossa Presidente, deu o mote para um mandato que espero bem-sucedido. Muitas felicidades à Dr.ª Ana Maria Morais e à sua vasta equipa, extensivas a todas as Delegações da nossa Associação.

**Ariete Maria Abreu Vieira da Luz e Gouveia**

Presidente da Delegação da Madeira - Eleita para um 1º mandato



# Órgãos Sociais da ASSP

## o de 2016 - 2019



ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL  
DOS PROFESSORES



### **Ana Maria Moraes**

*Presidente da ASSP*

Minhas amigas,  
Meus amigos,

Entendo esta cerimónia de tomada de posse como uma missão que nos foi confiada pelos Associados no sentido de garantirmos o Futuro na nossa Associação.

E esse Futuro só pode ser concretizado com uma postura actuante e um olhar lúcido sobre a realidade que estamos a viver.

Sei, ou melhor, sabemos, que vamos cumprir uma navegação difícil.

Contamos com os saberes que nos foram deixados, mas é nossa obrigação gerar novos procedimentos que as situações futuras nos irão impor.

Quero render homenagem aos nossos Associados e muito especialmente a todos aqueles que participando em Direcções anteriores construíram, em cada momento, o Futuro da nossa Associação.

Quero também agradecer aos meus companheiros da DN cessante a forma dedicada como me ensinaram a Associação.

Aos meus companheiros que integram a DN actual quero agradecer o entusiasmo que partilham comigo, sabendo que vamos enfrentar tempos de mudança mas por isso mesmo plenos de novas possibilidades e novos ensinamentos.

Concluo reafirmando-vos a nossa vontade de continuar a caminhar na construção do Futuro que a ASSP deve aos seus Associados e a todos os Professores.

Para eles foi a ASSP criada.



## ENSINO SUPERIOR EM LEIRIA

### Politécnico VS Universitário

O ensino superior em Portugal está organizado em dois subsistemas: o politécnico e o universitário. O ensino universitário seria mais orientado para um saber concetual e para a investigação dita fundamental e o ensino politécnico para o exercício profissional e para a investigação aplicada. Esta é uma distinção que hoje, pelo menos no contexto de algumas instituições (politécnicas e universitárias) deixou de fazer sentido. Encontramos formações muito orientadas para o exercício de uma profissão no ensino universitário – haverá melhor paradigma de ensino profissional do que a licenciatura em Medicina? – e vemos o ensino politécnico preocupado com o desenvolvimento de um ensino concetual, até porque tem necessidade dele para ministrar um adequado ensino aplicado ou, dito de forma interrogativa, será possível desenvolver uma boa prática sem existir uma boa teoria que a suporte? O mesmo acontece em relação à investigação científica, cuja distinção entre fundamental e aplicada é cada vez mais difícil de sustentar.

O que distingue hoje os politécnicos das universidades é o facto de estas poderem atuar em todo o espectro do ensino superior: ministram todos os tipos de ensino, incluindo politécnico (há sete universidades públicas com ensino politécnico), outorgam todos os graus académicos (licen-



ciado, mestre e doutor) e fazem todo o tipo de investigação. Já os politécnicos estão limitados na sua atuação. Não podem outorgar o grau de doutor nem fazer investigação fundamental. Trata-se de uma limitação administrativa. Ou seja, mesmo que reúnam as condições legalmente exigidas para o fazer, não o podem fazer. Esta situação constitui um grave prejuízo para as instituições, para os cidadãos, para as empresas e para as regiões onde se encontram. Há pois que (re)definir as competências de cada instituição e deixá-las ir até onde demonstrarem, através de processos de avaliação nacional e internacional, terem capacidade para ir. Sejam elas politécnicas ou universitárias.

*João Paulo Marques*  
(Vice Presidente do Politécnico de Leiria)

O **Politécnico de Leiria**, com 35 anos de existência comemorados em 2015 (tantos quantos a ASSP vai completar em Maio de 2016), conta actualmente com cerca de 11000 alunos e 900 professores, em cinco Escolas Superiores: Educação e Ciências Sociais, Tecnologia e Gestão, Saúde, em Leiria; Artes e Design, nas Caldas da Rainha; Turismo e Tecnologia do Mar, em Peniche.

A Delegação de Leiria da ASSP e o Politécnico mantêm um protocolo de colaboração técnica, científica e cultural.

Lembrando que a nossa Delegação vai comemorar, no próximo mês de Maio, 25 anos – um aniversário sempre com especial significado – a melhor forma de o assinalar será, sem dúvida, o arranque do processo de construção da nossa Casa do Professor, para o qual já foi incluída uma verba no Orçamento para o corrente ano.



# DELEGAÇÃO DE LISBOA

*Uma nova Direcção tomou posse. Iniciamos o primeiro BI de 2016 com algumas palavras da Presidente. Baltina Coroadinha:*

## **“Valorizar o Passado, Perspetivar o Futuro”**

No início de um novo mandato olhamos para o futuro com a expectativa de alcançarmos novos desafios, iniciar novos projetos e concretizar alguns sonhos. Aos elementos desta Direcção une-os a lealdade e a amizade que cimentaram nos três últimos anos. Baseados nestes valores, no saber e na experiência obtida, enfrentaremos os próximos desafios. Agradecemos a confiança que em nós depositaram. Somos direcção mas principalmente somos voluntários. O que fazemos não é por desejo de poder, não é para obter agradecimentos e aplausos. Fazemos por consciência cívica, porque somos solidários, porque somos ASSP.



*Primeira reunião da nova DDL na nossa Sede*

*A nossa Coordenadora do Voluntariado deixa-nos um depoimento em que muitos se vão rever:*

## **“Não deixe entrar a solidão na sua vida”**

Vou contar-vos uma estória ou melhor, a minha estória.

Tenho actualmente 75 anos, sou divorciada e vivo em Lisboa, sozinha. Como muitos pais e mães de hoje, os filhos vão crescendo e espalham-se pelo mundo.

Pessoalmente, tenho uma filha a viver em Moçambique, que de cada vez que por cá passava me dizia:

“Estás muito sozinha! Vou arranjar-te companhia.”

Eu pensava: como posso estar sozinha com filhos, netos, sobrinhos e irmãos que de vez em quando me entram pela porta adentro? Mas a minha filha, ao que parece, tem uma noção diferente de “sozinha”.

Ainda pensei: Vai arranjar-me um namorado! Mas eu sempre disse, quando esse tema era abordado: “velho e caturra, cheio de bronquite ... e sei lá que mais? NÃO, OBRIGADA! Enfim, se fosse bem mais novo do que eu ...” Foi um escândalo”!

Mas lá insistia a filha: “estás muito sozinha”. E um dia aconteceu: deposita-me no colo um saco de plástico muito ranhoso. E eu, com muito cuidado, espreito lá para dentro e vejo a assomar uma cabecita de um gato pouco maior que um ovo, com um aspecto ainda mais ranhoso que o saco e que miava desesperadamente.

A minha primeira reação foi: Mas o que é que eu faço com isto? Já refeita da surpresa e do susto, veio ao de cima aquilo que me caracteriza: Voz de Comando! “Ninguém toca nele.” Saí disparada à procura de veterinário. Encontrei uma que ia a fechar mas que se condeou com a situação. Lá fui comprar a casota numa loja de chinês e corri a casa para buscar o hóspede. Felizmente, apesar do seu aspecto desgraçado, só pele e osso, nada havia que não fosse rotina de veterinário.

E assim entra na minha vida a tal “companhia”, a Manga, como homenagem às minhas raízes moçambicanas.

Hoje, está um bicho lindo, é a minha sombra. Observa tudo o que eu faço, é a minha companheira.

Já pensei: se calhar se lhe der papel e lápis, a Manga é capaz de escrever o livro – A Vida de uma Mulher que já não está sozinha.

Amigos, não fiquem sozinhos: arranjem um animal de companhia. A alegria que demonstram quando voltamos a casa enche-nos de felicidade.



*Esta é a “Manga” que me conquistou*

*Na Sede e na Casa de Carcavelos continuam as actividades habituais e tardes de Convívio muito agradáveis. Informe-se e apareça! Essa é também uma forma de “evitar a solidão”.*

*Em nome da Direcção da*

*D. L. desejamos um FELIZ 2016 e enviamos um abraço solidário para todos.*

- **COMUNIQUE-NOS AS ALTERAÇÕES DOS SEUS CONTACTOS.**
- **ENVIE-NOS UM ENDEREÇO ELECTRÓNICO PARA ONDE POSSAMOS MANDAR TODAS AS NOTÍCIAS (Se não tem, peça aos filhos, netos, amigos!...).**
- **CONSULTE O NOSSO SITE E SIGA-NOS NO FACEBOOK.**

# RAUL LINO

## ANDOU POR AQUI

Francisco Teves

Arquitecto



Raul Lino nasceu em 1879 e faleceu em 1974. Entre as centenas de projectos que elaborou foi o autor, em data anterior a 1913, do projecto do edifício onde está hoje instalada a sede da Associação de Solidariedade Social dos Professores.

Sobre Raul Lino, Michel Toussaint (\*) cita uma frase relativa à opinião que aquele publicou sobre a Casa Portuguesa *"não é, como muita gente supõe, qualquer edificação guarnecida de beirais de telha encanudada, que ostenta uma espécie de alpendre, painéis de azulejo e um lampião pendente de braço de ferro mais ou menos floreado. É preciso saber-se que o que dá carácter a qualquer obra de arquitectura não são os pormenores desta ordem" - e mais adiante - "Como a música que é feita para ser ouvida e não para sobre ela se falar como queria Schumann, assim também a proporção importa que seja sentida e não explicada"*

As escolhas muito interessantes daqueles textos, feitas por Toussaint, conduzem provavelmente a ASSP a dois sentimentos contraditórios sobre a sua casa.

O primeiro intimida qualquer descrição racionalista da obra e dos pormenores da sua casa.

O segundo estimula a ASSP a convidar os seus associados para a visitarem.

Afinal trata-se de sentir e fruir.

Da obra de Raul Lino, gosta-se ou detesta-se. Parece não poder haver meio termo.

Os que não a apreciam designam-na como exemplo típico do estilo "Português Suave".

Os que dela gostam, concedem-lhe ser um modernista da tradição mas não um defensor da tradição.

O efeito Raul Lino é inegável e permanece.

Eu próprio já tive um pedido, que recusei, de um jovem casal para fazer uma moradia próximo de Sintra com a recomendação de que fosse *"...assim mais ou menos do tipo Raul Lino"* e uma outra sugestão a que tive de responder que não podia projectar hoje o palacete que o avô não deixou.



Sede da Associação de Solidariedade Social dos Professores



## Lisboa vista da Sede

Quando passeamos com os nossos filhos ou netos no Jardim Zoológico de Lisboa, ficamos com a sensação de que Raul Lino era um tradicionalista mas, para quem conhece o edifício da antiga Escola Técnica de Enfermeiras, situado no parque hospitalar do IPO de Lisboa, de que Raul Lino foi

parceiro de projecto do arquitecto alemão Ernest Kopp (\*\*\*) ficamos com a ideia de que o modernismo afinal, não lhe revirava as entranhas.

Raul Lino teve força e um efeito duradouro.

O edifício onde está hoje a ASSP sofreu alterações em 1929 e posteriormente uma grande alteração em 1989, para o adaptar a um Lar.

Face ao resultado final dessas intervenções, estamos certos que terá havido sempre constrangimentos orçamentais ou quaisquer outros. Os tectos falsos em madeira com desenhos geometrizados foram agredidos por armaduras de iluminação aplicadas com pendurais ou justapostas e por detectores de incêndio, as guarnições das portas foram pintadas de azul e a remodelação desajustada das instalações sani-

tárias, terão correspondido a uma qualquer urgência ou desespero.

Felizmente estas situações não são irreversíveis.

Os donos desta casa estarão certamente atentos, aguardando também eles uma oportunidade, para tornar Raul mais Lino.



Detalhe do Tecto

(\*) in Dissertação de doutoramento da Teoria de Arquitectura de Michel Tournier 2009

(\*\*) in História da Escola Técnica de Enfermeiras 1940-1968 (vol I) Defesa de tese de doutoramento de Óscar Manuel Ramos Fev. 2012

## A NOSSA CIDADE

Uma cidade como a nossa tem, frequentemente, o coração suspenso: entre o mar e a rocha, entre a alegria e a dor, entre a água e o fogo. Pagamos este preço por sermos vizinhos da natureza, por vivermos com ela, porta com porta, às vezes, de braço dado, outras, de costas voltadas.

A nossa cidade alberga a nossa indecisão de querer ir, de embarcar nos navios que chegam ao porto, mas de querer ficar, também, no aqui da casa, no abraço da montanha, na varanda do cais. Cá dentro, do lado de cá do mar, há casas que têm soldados na voz e gritam segredos, através das tabuinhas cansadas dos tapassóis das janelas. Os olhos das casas das ruas da nossa cidade choram fados antigos que começam a arder na cal já descascada das paredes. A alma das casas das ruas da nossa cidade guarda a memória de um tempo em que a vida começava cedo, no vaivém dos bomboteiros

e nos gritos dos miúdos a correr para o calhau. Portanto, a nossa, é uma cidade com histórias velhas que se casaram com o tempo e repousam nas asas das pombas de barro que enfeitam os beirais.

Uma cidade como a nossa tem História a correr por entre os dedos: são as lembranças ásperas dos canaviais, é o choro do vinho que se derrama no cálice, é a bênção do Infante, o foral de D. Manuel, as lágrimas de escravos velhos com sonhos de liberdade, a dor companheira dos colonos, o carinho salgado do mar, as rugas que os verões foram fermentando e desenhando nas ribeiras, no xadrez dos passeios, na brisa que vem do sul.

A nossa cidade continua a guardar o cheiro do mar e do funcho nas cantarias das casas. As gaivotas ainda riscam o ar no alvoroço dos barcos que chegam do mar alto. As árvores ainda desenhavam rendas no céu, quando

o sol se derrama dos seus galhos e pinga no chão.

Uma cidade como a nossa vive com o mar. E com a montanha. E com a coragem. E com a vida.

Em cada esquina, personagens antigas enfeitam os dias de silêncios e perfumam as casas de café preto. Na nossa cidade, guarda-se o tempo. Bebe-se a terra. Respira-se a luz.

Às vezes, o mar também anoitece, em cidades como a nossa. A lua, porém, mesmo pálida, nunca deixa de abrir um buraco branco de luz no céu do Funchal.

### Graça Alves



Graça Alves,  
-Licenciatura – Línguas e Literaturas Modernas  
-Investigadora no Centro de Estudos da História do Atlântico  
-Professora do Ensino Secundário  
-Colaboradora regular na Imprensa Regional





# LIVRO DE BORDO

Rui F. M. Gonçalves



## O CHEIRO DA NOITE, Andrea Camilleri



O Comissário Salvo Montalbano toma conhecimento do desaparecimento de uma figura bem conhecida da sua pequena localidade de Vigàta mas reserva distância do caso. Durante algum tempo limita-se a assistir às diligências do seu amigo de profissão Domenico (Mimi) Augelo. Até que não resiste a meter o nariz nos factos e mergulhar a fundo....

A Sicília, mas também Milão e Bolo-nha, mostravam ser um bom domínio para o contabilista Emanuel Gargano, quarentão, *“tão bonito que parecia o herói de um filme americano”*, expandir os seus negócios de *manager* em ascensão.

Quando tinha chegado, há dois anos, à cidadezinha siciliana de Vigàta, tinha-se proposto *“promover o renascimento económico desta nossa amada e desafortunada terra”*.

Com o dom da palavra e de sorriso fácil, rapidamente conquistou centenas de clientes, quase todos idosos, que lhe confiaram as suas poupanças. E a felicidade dos anciãos parecia não ter fim quando, ao fim de seis meses, começaram a receber vinte por cento de juros, para além da promessa de ainda melhores dias. O rastilho estava aceso e depressa fez o seu caminho junto de centenas de pessoas que encheram filas aos balcões das várias agências locais.

Mas no fim do quarto semestre Gargano desapareceu.

Duas teorias surgiram: ou estaria numa ilha paradisíaca a viver dos rendimentos dos incautos, ou de forma despercebida se tinha apropriado do dinheiro de um mafioso e agora estava a fazer tijolo algures.

Mas num dos escritórios do “rei Midas” havia uma pessoa que jamais admitia qualquer das duas hipóteses: a funcionária Mariastella Cosentino. Cinquentona e loucamente apaixonada pelo contabilista, simplesmente esperava, colada ao telefone, que este tocasse e lhe trouxesse a voz do seu sol.

É perante o desespero de um velhote, de arma em punho, em pleno escritório onde trabalhava Mariastella

que Montalbano entra em cena, conseguindo desmobilizar o ancião enganado.

O Comissário é um homem com vários problemas, entre os quais o Comandante da Polícia, Bonetti Alderighi, que o acusa de forma encapotada de se ter apropriado de dinheiros alheios, a sua namorada Livia que tenta há muito que Montalbano deixe o estatuto de solteiro empedernido e também as relações afectuosas-conflituosas com os seus subordinados.

Pressionado em várias frentes, não é fácil concentrar-se neste caso do desaparecimento.

Com passos atrás e avanços, Montalbano resolve saber quem são e o que fazem os empregados do desaparecido.

Mariastella não tem vida própria – limita-se a esperar o regresso da paixão que inventou.

Michella Manganaro vive com os pais, mas Montalbano, no primeiro encontro, percebeu que a sua voz à Marlene Dietrich e o corpo (que remexeu tanto o Comissário que *“teve de se conter para não fazer cocoró”*) a ocupavam muito mais do que o escritório de Gargano.

E faltava um terceiro empregado, Giacomo Pellegrino. Michella foi preciosa ao sugerir ao Comissário, entre outras pistas, uma relação homossexual discreta entre funcionário e patrão.

Mas seria produtiva para a solução do caso, essa relação?

É habitual que caiam nas esquadras muitos tipos cujos depoimentos relacionados com casos insolúveis

62 anos,  
Licenciado em  
Filologia Românica pela  
U. Clássica de Lisboa e Mestre em  
Comunicação pela U. Nova de  
Lisboa.

Tradutor, realizador e apresentador  
de programas de rádio de carácter  
cultural e informativo, Professor  
do Ensino Secundário Público e do  
Ensino Superior Privado.

parecem mirabolantes e que, por isso mesmo, devem ser ignorados.

Um dia, meses atrás, um dito lunático tinha afirmado ter visto, na noite de 31 de Agosto, em Punta Pizzillo, (um planalto deserto cuja orla ficava a dez metros de uma escarpa que descia até ao mar), um carro estacionado com duas eventuais silhuetas no interior.

Ao saber destas declarações, Montalbano pensou: *“O que faz um homem gravemente doente quando os médicos desistem? Para não morrer é capaz de pedir ajuda a um bruxo, a um feiticeiro, a um charlatão”* Foi encontrar-se com Antonino Tommasino que, afinal, de charlatão nada tinha.

No fundo da ravina indicada, estava agora mergulhado um Alfa 166.

Ainda longe do fim da meada, Montalbano começava a trilhar o caminho certo....

### O AUTOR

Andrea Camilleri (Sicília, 1925) é um caso raro nas letras italianas. A sua idade avançada não tolhe a sua inventiva e continua a produzir, sobretudo romances, com uma regularidade surpreendente. Quando jovem foi grande apaixonado de teatro e depois produtor de rádio e televisão.

Em 1994, cria a personagem Montalbano, uma homenagem ao autor catalão Manuel Vazquez Montalban, também ele grande criador de textos policiais. Desde 1997 sucedem-se vários prémios literários, inclusivamente o Prémio Pepe Carvalho que cristaliza a sua homenagem a M. V. Montalban.

## “TENHO UM SONHO”

LUTHER KING

Expressão de Martin Luther King, que os Abba ajudaram a tornar intemporal. O facto não é inédito. Muitos, ao longo da História da Humanidade tiveram Sonhos, por eles lutaram, por eles sofreram, por eles amaram e... quase sempre alcançaram os seus objetivos.

Pela Delegação de Portalegre, com os pés bem assentes na terra, também se sonha e, apesar de todas as adversidades, temos conseguido alcançar muito daquilo a que nos propusemos.



Talvez seja bom lembrar que, em 2001, nem sequer tínhamos um lugar próprio. Vivíamos da cedência de espaços. Esse foi o primeiro sonho a ser concretizado.

Hoje temos uma bela vivenda, que já se vai tornando pequena. E porquê?

Porque temos dinamizado o espaço com múltiplas atividades (umas que ainda perduram, Atelier de Pintura, Linha da Amizade, Grupo Coral, Clube de Leitura, Informática, Programa de Rádio, Passeios, Almoços; outras, perderam-se no tempo).

Em suma: temos crescido.

E queremos continuar a crescer. Por isso, continuamos a sonhar.

Procurando dar continuidade ao programa que já está no terreno, lançamos, a partir de agora, outras propostas. Tentaremos, deste modo, responder a outras solicitações, tentando chegar a um público mais vasto.

A procura de formas de vida mais saudáveis é cada vez maior. Cuidar do físico, mas também da mente, tornou-se imprescindível para um completo bem-estar.

Assim sendo, temos já a funcionar uma turma de Yoga e, em tempo oportuno, *ateliers* sobre alimentação saudável e doçaria conventual.

Comemoram-se este ano 250 anos do nascimento de Bocage. Quis o Clube de Leitura assinalar a data. Em colaboração com a Escola Superior de Educação, será levado a cabo um recital aberto à população, no próximo dia 21 de Março, dia Mundial da Poesia.

Também o Dia da Mulher, 8 de Março, será assinalado com uma visita ao Museu do Oriente, subordinada ao tema “O Oriente no Feminino”.

Mas, já no próximo dia 2 de Fevereiro, o Grupo Coral estará na Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPA-CDM), levando um pouco da magia que só a música é capaz de transmitir.

Ah! E quem não gosta de Cinema?

A Escola Superior de Educação oferece Cinema duas vezes por semana (terças e quartas) e estamos convidados. Vamos aproveitar?

Reunir os amigos em torno de uma mesa para almoçar é também salutar. Por isso, dia 18 de Fevereiro, “O almoço do mês” será no Restaurante da Escola de Hotelaria, a que se seguirá uma visita ao Museu Robinson.

Mas temos outros sonhos:

Gostaríamos de fazer fotografia, organizar Caminhadas, e... a pedido de um grupo de colegas - Dançar. Vamos lutar por isso.

E, para quem quiser “saber/partilhar” mais, basta consultar a nossa página no Facebook (ASSP Portalegre) e, ainda, participar na próxima Assembleia Distrital no próximo dia 16 de Março, pelas 17h na sede da Delegação.

Deixamos ainda o registo do almoço do passado dia 6 de Janeiro - o Almoço de Reis -, que já se tornou um hábito. Considerando que a Dr<sup>a</sup> Maria Helena Freire, por vontade sua, não integrará a próxima equipa de trabalho, aproveitámos a oportunidade para lhe entregar uma pequena lembrança e deixar o nosso Muito Obrigado, pelo trabalho e empenho que dedicou a esta Delegação ao longo de 15 anos. Bem haja.



No passado dia 19 de Janeiro, a nova Direção da nossa Delegação tomou posse. Na presença de colegas e amigos, reafirmámos o nosso Sonho:

**“Crescer em conjunto”.**

E, porque uma imagem vale mais do que mil palavras, aqui fica o registo para a História da Associação.



# 350 ANIVERSÁRIO

27 – 29 MAIO DE 2016

EM PORTALEGRE, CIDADE  
DO ALTO ALENTEJO, CERCADA  
DE SERRAS, VENTOS, PENHASCOS, OLIVEIRAS E SOBREIROS...

IN TOADA DE PORTALEGRE  
JOSÉ RÉGIO



CASTELO DE VIDE

MARVÃO



CELEBRE O ANIVERSÁRIO  
DA ASSP EM PORTALEGRE



Se no início de um novo ano convém partilhar os propósitos do Plano de Actividades para 2016, também se deve ter em conta os constrangimentos havidos no ano anterior.

Muitas das verdades tidas como absolutas e relacionadas com o modo de gerir uma entidade por aplicação do conceito “*como gerir uma empresa*”, numa entidade de voluntariado como a ASSP, é de difícil aplicação tal conceito pragmático.

Muito embora tenha evoluído a Gestão de Organizações Sem Fins Lucrativos para um patamar de melhor qualidade de Gestão, muito ainda deverá ser feito para que, por aplicação da Inovação Social, se alterem políticas governamentais e mentalidades de muitos dirigentes das Organizações de Voluntariado.

Se o êxito da ASSP terá que ter como fundamento os seus recursos humanos – pela especificidade, particularmente, das nossas Residências – só por um bom relacionamento nas cadeias hierárquica e funcional se poderá atingir os objectivos delineados.

Independentemente do modelo de Gestão Organizacional praticado, ele deverá orientar-se para vectores

principais a enumerar: 1) liderança forte, 2) conhecimento/formação dos trabalhadores, 3) envolvimento de todos na tomada de decisão.

Numa ASSP que se quer cada vez mais orientada para o Desenvolvimento Social, só desta forma o objectivo principal – gestão assertiva – será atingido.

Esta introdução tem a ver, em parte, com os problemas enunciados pela Direcção da Delegação do Porto no seu Plano de Actividades para 2016, a saber:

- 1- Ausência de licença de utilização e alvará para a Estrutura Residencial de S. Roque;
- 2- Falta de espaço físico para a Sede da Delegação;
- 3- Falta de uma cultura de acolhimento e proximidade com as/os Associadas/os;

Se o primeiro ponto está praticamente resolvido – todas as entidades oficiais envolvidas no processo deram o seu acordo final e definitivo – espera-se, somente, a emissão pela C.M.Porto da licença de utilização, os outros pontos referidos serão trabalho para 2016.



# DELEGAÇÃO DE SANTARÉM

## MAIAS E MAIOS-MOÇOS

As comemorações festivas das calendas de Maio tão combatidas pelas “Ordenações Conciliares” e “sino-dais” e que até algumas décadas atrás davam origem àquilo a que se chamavam “as maias” e os “maios-moços”, radicam nas antigas festas célticas de Beltain; festival da fertilidade que simbolizava a união entre as energias masculinas e femininas, a fertilidade da Terra e os fecundantes fogos do Céu.

Nesta altura do ano, aconteciam igualmente, um pouco por todo o Mediterrâneo, festividades diversas, em honra de divindades da fertilidade que na grande “Mãe-Terra” assentavam as suas matrizes; Deméter, Cibele, Ceres ou, entre nós, Prosérpina/Atégina.

Festas que celebraram a fertilidade dos campos e das searas, dos animais, das pessoas.

Para isso se entoavam cânticos ao sol, se cantava e dançava, muitas vezes em volta de uma árvore trazida para o centro da aldeia. Era a árvore de Maio (ou “may-pole”) que os tempos modernos viram persistir, ainda, em Portimão, Tolosa, Cabeço de Vide, Nisa ou Cardigos.

Enfeites florais, luminárias e cortejos de fogo, contribuíam ainda mais para um tempo de excesso e diversões.

Por isso se erguiam fogueiras; celebrando o poder fecundante do sol que torna a Terra grávida de vida. Fogueiras que chegaram até recentemente em locais como Estói, Miranda do Douro ou Monchique.

Era, assim, o grande Festival da Primavera. Em que se festejava a consagração da vida. Se promovia a valência fertilizante e protetora da natureza (simbolizada em flores e ramagens) que hoje encontramos, ainda, no “dia da espiga” e, naturalmente, nas “maias”.

“Maias”; personagens florais interpretadas por crianças e jovens que, em tempos não muito distantes, animavam os largos e ruas das nossas povoações.

Ou, então, efígies antropomorfas (que se colocavam frente às casas, janelas e quintais), como ainda se faz, por exemplo, no Algarve e nos Açores.

Que deram, nalguns casos, origem a mais complexas festas florais como a, assim chamada, “festa do Pote” em Monsanto da Beira.



Maia da Graciosa - fotos cedidas pelo Museu da Graciosa (Açores)



Maia da Graciosa - fotos cedidas pelo Museu da Graciosa (Açores)

### Aurélio Lopes

Professor convidado do Ensino Superior, Licenciado em Antropologia Social, Mestre em Sociologia da Educação e Doutoramento em Antropologia Cultural pelo ISCSP da Universidade Técnica de Lisboa.

Investigador universitário na área da cultura tradicional, especialmente no que respeita à Antropologia do Simbólico e à problemática do Sagrado e suas representações festivas, tem-se debruçado especialmente sobre práticas tradicionais comunitárias culturais, nomeadamente no que concerne à religiosidade popular e suas relações sincréticas com raízes ancestrais e influências mutacionais modernas.



## CORPO DIRETIVO DA DELEGAÇÃO DISTRITAL DE SETÚBAL

O corpo diretivo da Delegação Distrital de Setúbal completou o ciclo de tomada de posse no dia 21 de janeiro, entrando em funções para o cumprimento do quadriénio 2016/2019.

É constituído por cinco elementos efetivos:

Cosme Teixeira - **Presidente**

Maria José Goes - **Vice-Presidente**

Luís Filipe Arôcha - **Vice-Presidente para a Área Financeira**

Maria Amália Pinho - **Secretária**

Ilídio Cruz - **Vogal**



### São suplentes:

Idalina Lamim

Ercília Santos

Maria José Costa

Ana Júlia Laranjo

Maria Manuela Pereira

### Delegados:

Machado Oliveira

Isabel Duarte

Sara Monteiro

Maria Helena Matos



No edifício da Casa dos Professores funcionam os serviços da Delegação e da ERI, esta atualmente com sessenta residentes permanentes.

É nosso intuito e preocupação promover uma gestão de rigor, tendo em consideração:

- 1.- Manter a qualidade dos serviços prestados na ERI
  - assegurar a manutenção e recuperação do edifício
  - executar os investimentos que proporcionem retorno
- 2.- Estabelecimento de contactos pessoais com as escolas
  - angariação de novos associados
  - acolhimento de estágios curriculares e projetos de escolas
  - estabelecimento de novos protocolos
  - outras atividades motivadoras
- 3.- Colaboração com a Comunidade
- 4.- Disponibilidade para cooperação com a D.N. no que nos seja solicitado.

### ASSEMBLEIA DISTRITAL DE ASSOCIADOS

Lembramos que a ASSP, enquanto instituição, é, como qualquer outra, uma entidade abstrata. O que a enforma e lhe dá vida é o conjunto dos seus associados, quer os que contribuem com as quotas, quer os que assumem e desempenham cargos, quer ainda os que participam nas diversas atividades.

A gestão desta instituição deve ser, como todos sabemos, o mais participada possível. Daí que, periodicamente, aconteçam as Assembleias Distritais de Associados onde se discute, se propõe e se sugere o que será levado à Assembleia Nacional de Delegados.

Caríssimo Colega:

A sua presença é fundamental. Por isso o estamos a convidar para a próxima Assembleia Distrital de Associados que acontecerá no dia 15 de Março, às 17 horas, na Delegação Distrital de Setúbal/Casa dos Professores.



# DELEGAÇÃO DE VISEU

## GOSTAR DE VISEU



*Viseu antigo:*

*Das vielas, das quintas e quintais*

*Dá-me o braço, vem comigo*

*Vem ver o que nos legaram*

*[nossos pais*

*José Madeira*

Pequena homenagem de extrato de poema de José Madeira, que nas horas de ócio escreveu sobre a cidade que tão bem conheceu e amou.

Só se gosta do que se conhece. Gostamos de Viseu-cidade, Viseu-região como espaço de múltiplas vivências, evidenciadas em testemunhos geográficos, históricos, literários, arquitecturais, que fazem da cidade uma entidade única, em diferentes escalas de análise, de múltiplas funções, capaz de integrar saberes e identidades, que desde tempos imemoriais a constituíram como espaço de encontro de

gentes e vias de transportes que a atravessaram e se constituíram, pela sua acessibilidade e centralidade, como elemento dinamizador.

Conhecer a cidade, os seus contrastes e equívocos, as suas referências históricas engrandecem e enriquecem o sentido do imaginário e memória colectiva. Nesta perspectiva, estou certo que Viseu é ainda uma cidade desconhecida. Tantas figuras que marcaram a História de Viseu, de reconhecimento nacional, mas que a cidade, as suas instituições, não têm dado a conhecer com a relevância que merecem, pese, embora, muitas das escolas e ruas da cidade e da sua região tenham adoptado como patrono figuras relevantes que marcaram a nossa História, mitos de heróis,

com um passado recheado de acção, de gente como nós, que riu, chorou, lutou, mas que deixou alguma coisa para além da sua morte, como diz Camões *se vão da lei da morte libertando*. Defender, compartilhar, respeitar e transmitir um património comum às gerações actuais e futuras faz parte da formação cívica e de desenvolvimento pessoal, da cidadania, assente num “princípio de responsabilidade”, que inventarie, selecione, sistematize e difunda todo um capital cultural, de conhecimentos relevantes para uma cidade que se pretende educadora ou educativa.

*José Teles Sampaio*  
*Professor aposentado*





ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL  
DOS PROFESSORES

**SEJAMOS  
SOLIDÁRIOS!**

## **CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS EM BENEFÍCIO DA ASSP**

11	CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS										
ENTIDADES BENEFICIÁRIAS DO IRS CONSIGNADO					NIPC						
Instituições religiosas (artº 32º, nº 4)											
Instituições particulares de solidariedade social (artº 32º, nº 6)	X	1101	5	0	1	4	0	6	3	3	6

Quadro 11 da folha de rosto do Modelo 3 do IRS

Uma das formas mais simples de ajudar a ASSP é proceder à **consignação de 0,5% do seu IRS** a favor da Associação.

Ao preencher a declaração de IRS relativa a 2015, **no quadro 11 da folha de rosto do Modelo 3**, deve colocar uma cruz (x) em Instituições Particulares de Solidariedade Social e o número de contribuinte da ASSP (**501 406 336**) no espaço para isso reservado.

O Estado entregará à ASSP o conjunto dos valores que cada um consignou **sem qualquer custo para o contribuinte**.

**Colabore nesta campanha solidária!**